I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

#STOPASIANHATE E O CORONAVÍRUS: A COALESCÊNCIA DO RACISMO E DO SEXISMO NA DINÂMICA INTERSECCIONAL DA PANDEMIA

#STOPASIANHATE AND THE CORONAVIRUS: THE COALESCENCE OF RACISM AND SEXISM IN THE INTERSECTIONAL DYNAMICS OF THE PANDEMIC

Keilla Kaori Watanabe

Resumo

Este artigo objetiva expor a narrativa acerca dos desdobramentos dos discursos e crimes de ódio, assédio e do racismo perpetrado contra mulheres asiáticas no decurso da pandemia de coronavírus no Brasil e no mundo. Ao abordar os atos de violência e xenofobia enfrentados recentemente por não apenas membras de comunidades de ascendências asiáticas que residem principalmente nos Estados Unidos e nas Ilhas do Pacífico, o trabalho se orienta pela sua controvérsia e dimensão pela necessidade da representação desse grupo dentro da mídia e da cultura popular, questionando o impacto direto das injustiças raciais sobre as comunidades de origens asiáticas.

Palavras-chave: Stop asian hate, Biopolítica, Orientalismo, Pandemia, Segurança

Abstract/Resumen/Résumé

This article aims to expose the narrative about the unfolding of hate speeches and crimes, harassment and racism perpetrated against Asian women during the coronavirus pandemic in Brazil and worldwide. By addressing the acts of violence and xenophobia faced recently by not only members of communities of Asian descent who reside mainly in the United States and the Pacific Islands, the work is guided by its controversy and dimension by the need for representation of this group within the media and from popular culture, questioning the direct impact of racial injustices on communities of Asian origins.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Stop asian hate, Biopolitics, Orientalism, Pandemic, Security

1. INTRODUÇÃO

A relação entre a biopolítica e o aumento do crime de ódio contra a Ásia permeia a pandemia de SARS-CoV-2 (abreviação para coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2), causador da Covid-19 (doença do coronavírus 2019) como uma das razões atribuídas para essa massiva discriminação racial em todo o mundo. De acordo com o Centro para o Estudo do Ódio e Extremismo (Center for the Study of Hate & Extremism (CSUSB)), os crimes de ódio contra asiáticos-americanos aumentaram 145% em 2020, em 16 grandes cidades, levando em consideração o ano de 2019, pré-pandemia.

Desde o decreto da pandemia anunciado em março de 2020 pelo Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Ghebreyesus, o número de ataques anti-asiáticos aumentaram desproporcionalmente: segundo dados do Departamento Policial de Nova York, crimes de ódio motivados pelo sentimento anti-asiático aumentaram em 1900% no último ano. Segundo dados do relatório anual de pesquisa nacional do Fórum Stop AAPI Hate, 68,1% das denúncias recebidas são de assédio verbal, 20,5% são referentes a evasão (rejeição deliberada de asiáticos-americanos), 11,1% de agressão física e outras queixas relativas à violação de direitos civis, como a discriminação no trabalho, somam 8,5%.

Através da investigação dessas questões por meio da crítica orientalista, da fetichização dos corpos asiáticos e da associação da figura asiática com a doença, toda a extensão dessas conjunções pode ser definida taticamente sob análises e estudos da biopolítica, com o destaque da política interseccional, compreendendo que a abstração dos corpos femininos desenvolve ainda uma nova crítica dentro da estratificação social. No que se refere às mulheres, essas estatísticas são ainda piores: as mulheres asiáticas relataram incidentes de ódio pelo menos 2,3 vezes mais do que os homens ao longo de aproximadamente cinco meses durante o primeiro ano da pandemia, representando uma parcela muito maior de 68% dos índices de perseguição, calúnia e agressão física em relação aos homens.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivos Gerais

Ao expor a cobertura das estatísticas conseguintes à xenofobia retórica e racista, bem como da violência anti-asiática crescente nas principais cidades dos Estados Unidos,

objetiva-se discutir a importância da análise da interseccionalidade das comunidades asiáticas ao redor do mundo a partir dos amplos quadros de assédio ou violência que levaram aos protestos e pedidos de equidade mudança comportamental através do #STOPASIANHATE, enfatizando a recorrência dos crimes de ódio contra as mulheres asiáticas.

2.2. Objetivos Específicos

1. Analisar a narrativa acerca dos desdobramentos dos discursos e crimes de ódio e assédio contra mulheres asiáticas;
2. Demonstrar a importância da representação da comunidade asiática dentro da mídia e da cultura popular a partir do impacto das injustiças raciais e da linguagem racista no decurso da pandemia de coronavírus no Brasil e no mundo.

3. METODOLOGIA

Para elaboração do trabalho foi utilizado o método de pesquisa exploratória, de modo a analisar e identificar as principais opressões racistas e sexistas na dinâmica interseccional da pandemia, através de estudos, relatórios e revisão bibliográfica. Assim sendo, o processo de pesquisa, desenvolvimento e investigação ocorre a partir do levantamento de dados e análise geográfica e social realizados por outros pesquisadores da área. Ademais, o estudo terá caráter essencialmente qualitativo, favorecendo a liberdade no posicionamento necessário para cruzamento de dados coletados juntamente à pesquisa bibliográfica realizada.

4. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Ao concretizar com a docilidade e a subserviência propostas pela minoria-modelo, a falsa e ilusória sensação de segurança e aceitação, vários aspectos racistas são conferidos para a toda a comunidade asiática de forma generalizada, onde a circunstância da "branquitude condicional" também tem seus limites, enfatizando a recorrência dos crimes de ódio contra a população asiática desde o início da pandemia. Para de Kloet, Lin e Chow (2020), essa dinâmica entre a geopolítica dos corpos deve ser entendida como um "nacionalismo biopolítico", inter-relacionando os conceitos de poder como uma força de produção, e não somente como uma reprodução clássica do capital.

> "As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo." (FOUCAULT, 2012, p.152).

Diretamente ligado ao processo histórico de colonização e racialização dos corpos, o controle dos cidadãos sustenta-se e é disseminado majoritariamente com base no racismo e no patriarcalismo, o que tem produzido práticas e relações sociais extremamente sociais, precarizando vidas a partir dos recortes de raça, gênero e classe. De acordo com Kong (2019), na medida em que a biopolítica em seu sentido mais amplo abrange a intersecção da política e da vida, incluindo o inverso da vida, seu domínio é potencialmente infinito.

Com a distinção dessa violência particular, explicitamente motivada pelo racismo e pelo sexismo, a complexidade de fatores não justifica a realidade fundamental da insegurança retroativa das descendentes de asiáticas ou de povos das Ilhas do Pacífico, verificada principalmente no início deste ano. Como Mei Zhan (2011) aponta em seu artigo, a exposição à densidade e à profundidade de outras histórias não-europeias fortalece a ideia de biopolítica, alertando para as múltiplas formas pelas quais a vida e o poder podem se enredar, especificamente no que tange ao gênero e suas contestações, trazendo para o estudo de gênero um micropoder cujas medidas ultrapassam todos os grupos sociais.

> "O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. É por isso que, no século XIX a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância. Mas vemo-la também tornar-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização (...). De um polo a outro dessa tecnologia do sexo escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações." (FOUCAULT, 2012, p. 159).

De acordo com Ho (2020), o fato de que a COVID-19 não discrimina não impediu que as pessoas deixassem de cometer atos de extrema violência contra toda e qualquer outra pessoa que elas acreditam ter causado o surto da pandemia, o que significa que qualquer pessoa com ascendência do Leste Asiático está sujeita a formas de assédio e ataques violentos desde os níveis mais brandos até os violentos. Essa narrativa acerca do racismo contra

asiático-americanos considera a prerrogativa do perigo amarelo, uma metáfora racista proposta pelos Estados Unidos que descreveu os asiáticos como uma ameaça e um perigo existenciais para o mundo ocidental.

A visão estereotipada sobre os japoneses e sobre os chineses decorrente da imigração massiva suscitou estereótipos negativos, fazendo do branqueamento da população um mecanismo para conter as crises sociais e econômicas na constituição étnica da população. Ao tentar contornar as microagressões contra o escopo desse grupo racial no contexto pandêmico, o coronavírus desnudou uma xenofobia que sempre esteve latente e estruturada na sociedade, corroborando intensamente com a legitimação das agressões e repúdios pelo fenótipo para atingir a honra desgarrada de preconceitos.

> "Essa difusão da normatividade branca, privilégio branco e supremacia branca significou que quaisquer ameaças, reais ou imaginárias, ao corpo político dos Estados Unidos, um corpo político que na realidade nunca foi branco, mas que em nossa política, cultural e social as imaginações permanecem brancas opressoras, são tratadas com vigor e sem muita premeditação. Ou seja, sempre que houve uma ameaça de uma nação asiática aos Estados Unidos (e a história do século XX nos EUA é uma história crivada de guerras estrangeiras contra as nações asiáticas), as pessoas nos EUA direcionaram sua ansiedade, medo, e ira contra quaisquer súditos associados ao inimigo asiático, sejam eles realmente dessa nação ou não." (HO, 2020, p.152).

Na perspectiva do biopoder com as práticas políticas e para se obter a sujeição dos corpos e controle das populações, encarar os processos da vida caracteriza o fenômeno do capitalismo como sobrevivência ou afastamento das iminências da morte (FOUCAULT, 2012, p. 155). Conforme dados do Conselho de Política e Planejamento da Ásia-Pacífico (A3PCON) e o Chinês para Ação Afirmativa (CAA), foram reportados 1.135 incidentes de discriminação relacionados ao coronavírus apenas nos Estados Unidos durante as duas primeiras semanas iniciais da propagação do vírus após decreto de pandemia, contabilizando uma média de 100 casos diariamente.

O aumento nos casos de violência, ódio e da retórica, desproporcionalmente contra mulheres asiáticas[1], sinaliza o tensionamento das relações de sexualização e objetificação das mesmas e a necessidade urgente de reconhecer a coalescência do racismo e do sexismo na dinâmica interseccional da pandemia, esperando que estudos etnográficos e étnicos catalisem uma mudança pelo reconhecimento e pelo encontro de uma resposta eficaz para que a

[1] Segundo relatório submetido por Russell Jeung para o Conselho de Política e Planejamento da Ásia-Pacífico (A3PCON) e o Chinês para Ação Afirmativa (CAA), entre os dias 26 de março e 1 de abril de 2020, mulheres asiáticas ou das Ilhas do Pacífico são assediadas duas vezes mais do que os homens.

comunidade asiática como um todo seja plenamente observada e ouvida pela sociedade internacional, reverberando a gravidade de cada ferida ou morte para combater o racismo. De fato, o cenário mundial do coronavírus escancarou a realidade de calamidade e emergência na combinação do biopoder a do reflexo do privilégio capitalista no que tange à decadência da continuidade das políticas da morte.

Dessa forma, em termos de reconhecimento de cada etnia como ferramenta crítica para o avanço político estratégico, a diversidade da comunidade asiática é primordial para refinar a análise do pertencimento e da singularidade das múltiplas presenças e interseccionalidades para empoderamento da mesma[2]. Em concordância com a estimativa do Censo 2016 dos Estados Unidos, existem aproximadamente 21,4 milhões de descendentes asiáticos vivendo no país, sendo que eles vêm de mais de 20 países diferentes, constituindo atualmente o principal grupo racial ou étnico de crescimento mais rápido dos Estados Unidos.

À margem da comunidade asiático-americana, com foco na exclusão e migração, a necessidade de abordar a temática da segurança nacional a partir da agenda política das organizações estadunidenses com base na reconexão das raízes da diversidade da ascendência asiática na luta pela justiça social escancara a vulnerabilidade entre as mulheres e meninas de várias maneiras novas e interconectadas. Para Poudel (2021), a pandemia aumentou os riscos pré-existentes da violência contra mulheres e meninas, e através da intersecção de dois ou mais grupos marginalizados[3], o agravamento ocorre em vários aspectos: "[...] em muitos países, refugiadas e migrantes relataram ter sido estigmatizadas como portadoras (do coronavírus) e expulsas pelas autoridades, especialmente nos primeiros dias da pandemia" (tradução nossa).

As mulheres e meninas asiáticas foram atingidas pela pandemia particularmente pelas normas patriarcais de longa data, pelo preconceito de gênero arraigado e pela fraca proteção institucional dos direitos das mulheres, os quais são preteridos em muitas sociedades asiáticas por meio de seus sistemas interligados de castas, etnias e religião, estendendo essa subordinação para os compromissos econômicos, socioculturais, legais, políticos e governamentais. Logo, a necessidade de confrontar posicionamentos no escopo internacional diante da representação desse grupo, questionando as injustiças raciais e de gênero é evidente.

---

[2] De acordo com Kathy Ko Chin, presidente do Fórum Americano de Saúde das Ilhas da Ásia e do Pacífico, a multirracialidade proporcionou um enfoque para a melhor forma de alcançar a equidade entre as comunidades asiáticas, pois o desafio de ter apenas dados agregados para toda a comunidade seria solucionado a partir da compreensão das disparidades (KANDIL, 2018).

[3] Estes incluem mulheres migrantes, refugiadas, com deficiência, adolescentes, indígenas de aldeias remotas, grávidas, puérperas, mães solo, chefes de família, praticantes de religiões específicas, com pouca ou nenhuma condição médica de longo prazo, usuárias de drogas e membras da comunidade LGBTI+.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTRO PARA O ESTUDO DO ÓDIO E EXTREMISMO. Anti-Asian Hate Crime Reported to Police in America's Largest Cities: 2019 & 2020. **FACT SHEET: Anti-Asian Prejudice March 2021 Center for the Study of Hate & Extremism**. California State University, San Bernardino, mar. 2021. Disponível em: <https://www.csusb.edu/sites/default/files/FACT%20SHEET-%20Anti-Asian%20Hate%202020%20rev%203.21.21.pdf>.

DE KLOET, Jeroen. LIN, Jian. CHOW Yiu Fai. 'We are doing better': Biopolitical nationalism and the COVID-19 virus in East Asia. **European Journal of Cultural Studies**, Vol. 23(4) pp. 635–640, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1367549420928092>.

DONLEVY, Katherine. Anti-Asian hate crime jumps 1,900 percent. Queens Chronicle, Glendale, 24 sep. 2020. Politics. Disponível em: [https://www.qchron.com/editions/queenswide/anti-asian-hate-crime-jumps-1-900-percent/article_f007a05b-f43e-54ca-a3c6-1b5493333dea.html]. Acesso em: 12 mai. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

JEUNG, Russell. INCIDENTS OF CORONAVIRUS DISCRIMINATION, **A Report for A3PCON and CAA**, San Francisco State University Asian American Studies, pp.1-9, apr. 2020.

HO, Jennifer, Anti-Asian racism, Black Lives Matter, and COVID-19. **Japan Forum**, Routledge Taylor & Francis Group, 33:1, 148-159, oct. 2020.

KANDIL, Caitlin Yoshiko. After 50 years of 'Asian American, ' advocates say the term is'more essential than ever'. **NBC Asian America News**. mar. 2021. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/asian-america/after-50-years-asian-american-advocates-say-term-more-essential-n875601>.

KONG, Berlinda. Biopolitics and Asian America. **Oxford Research Encyclopedia of Literature**, sep. 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/literature/view/10.1093/acrefore/9780190201098.001.0001/acrefore-9780190201098-e-837>.

POUDEL, Meena. Women and girls across Asia are facing complex, urgent risks from the pandemic, expert warns. **Friedrich Ebert Stiftung Nepal**. jan. 2021. Disponível em: <https://asia.fes.de/news/asia-women-pandemic/>

ZHAN, Mei. Human Oriented? Angels and Monsters in China's Health-Care Reform, East Asian Science, **Technology and Society: An International Journal**, 5:3, 291-311, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/18752160-1347620>.